



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

CURRÍCULO E PEBA: UMA EXPERIÊNCIA

Charles Immianovsky*

ismirnov_arte@hotmail.com

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI

Eixo Temático: Currículo

Resumo: Este texto centra-se na perspectiva metodológica conhecida como PBA – *Pesquisa Baseada em Arte*. O objetivo deste é fundamentar, exemplificar e problematizar a utilização deste método no campo da pesquisa em Educação, por meio do que se convencionou chamar de PEBA – *Pesquisa Educacional Baseada em Arte*. Para tanto, utiliza-se referencial teórico sobre a PBA e PEBA e, narrativas produzidas durante o desenvolvimento e a qualificação de uma pesquisa, que problematiza o currículo de artes visuais a partir das experiências de um grupo de estudantes e a professora de Artes que leciona para eles. O texto está organizado de forma a: (1) problematizar e justificar a temática central, bem como os encaminhamentos metodológicos adotados; (2) aprofundar e situar teoricamente a perspectiva metodológica PEBA, principalmente por meio dos escritos de Hernández (2013), Dias (2013), Irwin (2013), Oliveira (2013), Barone e Eisner (2006); (3) exemplificar e problematizar por meio de um conto o uso da PEBA – *perspectiva literária* – numa experiência de pesquisa sobre o currículo de artes visuais.

Palavras-chave: PEBA. Pesquisa. Arte. Educação.

Introdução

Existe um texto de Luciana Gruppelli Loponte – *Arte e inquietudes estéticas para a educação* – instigante. Ao relacionar arte, estética e docência, a autora pergunta: “reviver a experiência do criar na formação docente, invenções de si mesmo na docência, criar 'obras de arte' em práticas pedagógicas, 'embriagar' nossos modos de nos constituirmos como docentes: ambição demais? Por que não?” (LOPONTE, 2011, p. 48).





XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Se nessa relação, substituirmos a palavra “docência” por “pesquisa” – arte, estética e pesquisa – este parágrafo se torna útil à introdução do texto, uma vez que, ao embriagar-me pela pergunta de Luciana faço ecoar a pergunta que rodeia este artigo – reviver a experiência do criar na pesquisa, invenções de si mesmo na pesquisa, criar obras de arte em práticas de pesquisa, embriagar nossos modos de nos constituirmos como pesquisadores: ambição demais? Por que não?

Embriaguez a parte, acredito e aposto – a partir de alguns autores e de uma experiência vivida no desenvolvimento da dissertação de mestrado – que a aproximação entre arte e pesquisa é possível. Não me referindo aqui a arte como objeto de pesquisa, mas a contribuição dos processos e produtos artísticos, estéticos por natureza, para investigar e compreender questões educacionais.

Para tanto, aproximei-me da PEBA – *Pesquisa Educacional Baseada em Arte*, perspectiva metodológica que busca em processos ou produtos artísticos formas de produzir, interpretar, analisar ou relatar dados de pesquisa, que não seriam visíveis por meio de outros processos metodológicos.

Esse texto então tem como objetivo fundamentar, exemplificar e problematizar, no âmbito de uma experiência particular, a utilização da PEBA como metodologia para a pesquisa em Educação. Nos textos apresentados após esta introdução: discorro sobre a PEBA, fundamentando, contextualizando e situando esta no campo da pesquisa; exemplifico e problematizo uma experiência com a PEBA (considerando o limite de um artigo) por meio do conto “Escorregando na metodologia” e; finalizo com algumas considerações.

Os dados utilizados no conto para exemplificar e problematizar a PEBA foram produzidos durante o desenvolvimento e a qualificação da pesquisa já citada. Os dados gerados no desenvolvimento da pesquisa foram registrados no



que se denominou *Diário do Pesquisador* e as narrativas da fase de qualificação em parecer emitido pela banca.

A Pesquisa Educacional Baseada em Arte

Se for consenso que a metodologia é parte fundamental de toda investigação, seja nesta ou naquela área, menos nítido é o consenso em torno da validade e viabilidade de metodologias que utilizam modos rígidos de delineamento do processo de pesquisa nas Ciências Sociais e Humanas.

Isso pode ser verificado no livro *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Neste livro, Meyer e Paraíso (2012) documentam novas visões a respeito dos caminhos adotados em pesquisas em Educação. Para além da fixidez aparentemente vinculada ao delineamento dos processos de uma pesquisa, o livro leva a pensar sobre o quão os modos de pesquisar podem ou são verdadeiros processos criativos individuais. Essa é uma das formas de aproximar arte e pesquisa, ou arte e ciência.

Porém, há pesquisadores que investem nesta relação de outro modo: investigam a partir dos próprios processos e/ou produtos artísticos. Corresponde a este outro modo a *Pesquisa Baseada nas Artes (PBA)* ou *Investigación Baseada em las Artes (IBA)* no campo das Ciências Sociais e Humanas, e *Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA)*, no campo específico da Educação.

É Elliot Eisner que, nos anos de 1970, na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, propõe a discussão sobre a utilização da arte não apenas como objeto de pesquisa. Posteriormente, esse modo de articular arte à pesquisa se fortalece com a “virada linguística” nas Ciências Sociais, a princípio dos anos



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

1980. Desde então, a Investigação Baseada nas Artes é utilizada em diferentes países e em diferentes áreas, como a antropologia, sociologia e psicologia.

De caráter qualitativo, a PEBA insere-se numa perspectiva que questiona formas hegemônicas de pesquisa. Os procedimentos artísticos então são utilizados a fim de dar conta de experiências e de contribuições dos sujeitos relacionados à pesquisa, que, por meio de outros métodos não seria possível visualizar, nem os diferentes sujeitos relacionados à pesquisa (pesquisador, leitor, colaborador), nem as interpretações de suas falas (HERNÁNDEZ, 2013).

Ao utilizar a PEBA, pesquisadores buscam alcançar “[...] novos entendimentos sobre o que pode levar a melhorias na política educacional ou práticas educativas” (IRWIN, 2013, p. 28).

Embora os procedimentos adotados em pesquisas com esse método possam ser diversos, há dois critérios essenciais que o caracterizam: (1) está geralmente relacionado com um objetivo associado à atividade artística; (2) apresenta qualidades estéticas que interferem no processo e na redação da pesquisa. (BARONE; EISNER, 2006).

Esses elementos estéticos e artísticos podem ser adotados em diversos momentos da investigação: durante a produção de dados; na forma de organizar os dados produzidos; no modo como interpretar estes dados; no(s) tipo(s) de texto(s) utilizado(s) para documentar e relatar esse processo.

Relacionados a esses dois critérios gerais, Hernández (2013) aponta três tendências de Investigação Baseada nas Artes, que na prática mostram que são muitas as formas possíveis de pesquisar com a PEBA – a *perspectiva literária*, a *perspectiva artística* e a *perspectiva performativa*.



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

A *perspectiva literária* está relacionada à produção de relatos cujas diferentes formas de experiências dos sujeitos relacionados à pesquisa (colaboradores, pesquisador) são conectadas por meio de formas literárias. Esse relato tem a finalidade de conter não apenas as experiências de quem narra, mas potencializar espaços onde o leitor possa “incluir” suas próprias histórias.

A *perspectiva artística* caracteriza-se principalmente pelo uso de representações artísticas visuais – pinturas, fotografias, desenhos, gravuras. Aqui textos verbais e visuais tendem a se conectarem por meio de um.

Já a *perspectiva performativa*, centra-se na ação e produção artística. Segundo Hernández (2013, p. 53) trata-se “de gerar um novo sujeito de conhecimento, o sujeito performativo, que se constrói de forma fragmentada e descentrada.” Por isso a experiência narrada é aquela em que o pesquisador está implicado, sendo possível ser a sua própria experiência – autoetnografia.

Ainda, se cada pesquisa está localizada num espaço-tempo específico essas tendências e os elementos que exploram provavelmente se diferenciam entre uma e outra pesquisa, além de poderem ser explorados conjuntamente.

Escorregando na metodologia

Cheguei cedo. Estava ansioso pelo parecer da banca sobre a dissertação que apresentara. A escolha metodológica era uma das questões que mais me afligia, pois, embora pesquisei, li, estudei e fundamentei sobre a PEBA, receava que, na prática, as coisas não estivessem tão bem resolvidas.

Apresentações, saudações, cumprimentos e agradecimentos marcaram, no início, as formalidades. Foi, então, que Marilda apresentou de que forma ela entende momentos como este:



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

- Penso que a qualificação é um momento de debate, de diálogo, de escuta e de fazer opções por alguns caminhos em detrimento de outros. Fazer escolhas a partir das várias possibilidades que sempre temos.

Sua fala ratificou meu entendimento de que aquele era um momento importante de ouvir sugestões para fazer escolhas e ajustes que seriam necessários. Num respiro, a ansiedade diminuiu! E, naquele instante, já estava claro a todos que a ideia central da dissertação era saber: “O que narra um grupo de alunos e sua professora sobre o conhecimento e as experiências vivenciadas nas aulas de Artes?”, e que, para tanto, a PEBA foi a perspectiva metodológica adotada. A conversa iniciou com um primeiro apontamento:

- Leio [...] nas entrelinhas o esforço do autor para deslocar-se de um lugar habitual para outro menos conhecido, ainda desconfortável pelo que de diferente produz. Talvez seja nesse segundo tipo de leitura (das entrelinhas) que, por vezes, parece-me que a proposta é escorregadia e algumas vezes contraditória. Mas, ao mesmo tempo, muito bonita pela sua honestidade, sinceridade e coragem de fazer do espaço acadêmico um lugar de pensar sobre a tarefa de pesquisar em meio à vida – expôs Marilda, já discutindo sobre a metodologia.

Dei um leve sorriso, como que validando as entrelinhas expostas pela professora. Estava convencido de que, teoricamente, compreendi a metodologia, mas colocá-la em prática, fazê-la funcionar na dissertação continuaria sendo o desafio. Continuei atento, ouvindo.

- O autor assume a PEBA como abordagem metodológica do seu trabalho. Um dos critérios desse método é que as imagens ou os elementos estéticos da pesquisa interfiram no processo de investigação e na redação do texto. Isso significa que sem esses elementos não conseguiríamos ler/entender o trabalho.

6



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Os elementos estéticos são partes indissociáveis do texto para a PEBA – pontuou Marilda, já explicando:

- Nesse sentido, Charles, me parece que as imagens e os elementos estéticos ainda estão ocupando um lugar de adorno no trabalho, abertura de capítulos. Se os retirássemos não mudaria o texto. Da mesma forma, o conto ficou relegado a um segundo plano. Quando cheguei na parte do conto pensei: por que a dissertação não começa pelo conto? Por que a dissertação não é o próprio conto?

Compreendi com a fala de Marilda que, embora ao produzir os dados da pesquisa e ao documentá-los na dissertação, empreguei formas estéticas e artísticas, estas ainda não interferiam na mecânica, no funcionamento da dissertação. E, hoje, voltando aos textos, soa mais claro para mim que o desafio com a PEBA não é o de utilizar representações visuais para ilustrar o texto, mas, mais ambicioso do que isso, é “tentar desenvolver paralelamente narrativas autônomas (textual e visual) que se complementem, entrecruzem e permitam que surjam espaços para criar novos significados e relações”.

- Usar imagens apenas para abrir capítulos que não dialogam com o texto fará com que este se sobreponha? – perguntei à banca. O entendimento foi de que, ao inserir essas imagens como adorno, os elementos estéticos e artísticos ficariam secundarizados. - Entrecruzar texto e imagem! Valorizar os elementos estéticos e artísticos! Então, esse é o desafio da PEBA – reforcei.

- Por que a dissertação não começa pelo conto? Por que a dissertação não é o próprio conto? – insistiu a banca. “Medo?”, perguntei-me no momento. Ah...sim, o conto! Você leitor deve se perguntar que conto é esse.



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

O conto é o recurso textual que encontrei para “revelar” os dados produzidos na investigação. Esse conto é narrado na voz de uma professora de Artes que reflete sobre sua prática pedagógica. Um narrador-personagem. É essa personagem que, no texto, revela as narrativas da professora participante da pesquisa e contextualiza as narrativas dos alunos sobre as aulas de Artes. Ainda, há a presença de outras personagens no conto: teóricos e pesquisadores dos quais utilizei as contribuições teóricas; personagens fictícias para, por meio deles, apresentar minhas análises e interpretações dos dados; e sete alunos do Ensino Médio, colaboradores da pesquisa, cujos nomes são fictícios por questões éticas.

Enquanto arrumavam a conexão, o questionamento da professora sobre a utilização das imagens na abertura dos capítulos da dissertação voltou a minha mente e senti que teria de fazer essas imagens interferirem no texto, só assim o deixaria mais escrevível.

- Como fazer isso funcionar? Como fazer o texto não se sobrepor as imagens? – perguntei. - Dialogar no texto com as imagens ou inseri-las em diferentes partes do texto é uma solução – sugeri. Ajeitei-me na cadeira enquanto Marilda falou sobre uma espécie de excesso de rigorosidade:

- Há uma enorme preocupação do autor para que não nos percamos no texto. Talvez essa seja uma característica pessoal do Charles. É compreensível. Mas o método que estás utilizando e a inserção no pós-estruturalismo solicita que não sejamos demasiadamente guiados. Há muitos avisos, instruções e preocupação para deixar tudo muito claro. [...]. É necessário deixar espaço para o leitor poder entrar e também criar no teu texto – identifica, interpreta e sugere
Marilda.



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

A fala da professora fez-me lembrar que na PEBA é necessário que o texto não seja demasiadamente explicativo, pois, assim, limitam-se as entradas, os espaços, as brechas para que o leitor possa atuar, criar. E ficou evidente que é, por isso, que uma investigação que utiliza essa metodologia tem maior preocupação com problematizações do que com respostas fechadas. No entanto, os apontamentos de Marilda levam-me a perguntar: Talvez o que me levou a produzir o texto da dissertação com muitas instruções e avisos, querendo deixar tudo muito claro e bem explicado para o leitor, seja o desconforto em querer habitar um local ainda pouco conhecido e experimentado? Será que também já não expliquei demais por aqui? Será que não foram muitas as instruções?

Considerações

Neste texto a discussão girou em torno dos desafios metodológicos da pesquisa em educação. Especificamente da PEBA, como forma de visualizar a potência dos processos e produtos artísticos na pesquisa em educação.

Vale a título de consideração ressaltar o que já advertiram alguns estudiosos (DIAS, 2013; IRWIN, 2013) ao se referirem à PEBA: rigor e exigências a que estão vinculadas a produção de conhecimento científico – como é o caso da pesquisa –, não são excluídos nesta metodologia, ou seja, não é por se trata de um trabalho a partir da “arte” que poderá o pesquisador eliminar aspectos como: elaboração de projetos, definição de aspectos metodológicos, de formatação e métodos.

Não se busca tirar da pesquisa o que a ela pertence e tem de mais legítimo, nem fazer do pesquisador alguém mais “sensível e adocicado” pelas vias da arte, o interesse e o desafio está em aproveitar processos e produtos artísticos



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

para tornar a pesquisa em educação mais estética. E, esse parece um dos desafios!

Referências

BARONE, Tom; EISNER, Elliot. A Pesquisa Educacional baseada nas Artes. In: GREEN, Judith; CAMILLI, Gregory; ELMORE, Patricia. **Complementary Methods in Educational Research**. Nova Iorque: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2006. Tradução: Leonardo Charréu (UFSM. Jun. 2013). p. 95-103.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 21-26.

HERNÁNDEZ, Fernando. Tradução de Tatiana Fernandez. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-62.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 27-35.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e inquietações estéticas para a educação. In: PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Educação experiência estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2011. p. 39-52.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.